

## Coisas da Política

### Governo paga caro se Osmarino morrer

O professor José Lutzeberg, uma das personalidades tidas como inatacáveis do atual governo, saiu pelo mundo tentando apagar a imagem negativa do Brasil, provocada principalmente pelos desmatamentos na Amazônia e o assassinato do seringueiro e líder ecológico Chico Mendes, mas deixou a retaguarda vulnerável. Os aplausos, as homenagens e a reverência que as platéias internacionais lhe dedicam com justiça, bem como todo o esforço do governo Collor para tratar a questão ecológica com seriedade — de que é prova a própria escolha de Lutzeberg para a Secretaria do Meio Ambiente, ligada diretamente ao gabinete do presidente — podem ser anulados a qualquer momento por um estampido na floresta e um novo mártir.

Osmarino Amâncio, amigo de infância e sucessor de Chico Mendes na luta pela preservação da floresta amazônica, está com a vida por um fio. De atentados para valer, que resultaram em abertura de processo judicial, ele já escapou de cinco, desde que fundou o sindicato dos trabalhadores rurais de Brasília, no Acre, junto com Chico Mendes. Em outras duas vezes a polícia desmontou tocaia montada atrás de sua casa, em Brasília, para assassiná-lo. Até um mês atrás, telefonava todo dia, à meia-noite, para um amigo no Rio, para dizer que ainda estava vivo. Conseguiu completar 33 anos sábado passado. Há bastante tempo, não dorme no mesmo lugar duas noites seguidas. Quando o dia escurece, não põe o pé na rua.

Esta fera acuada, perseguida e, segundo o Conselho Nacional dos Seringueiros, condenada à morte em reunião recente de fazendeiros — numa tenebrosa reedição da trama da execução de Chico Mendes — tornou-se alvo principal da impunidade no meio rural sobretudo depois que apareceu no Jornal Nacional, da Rede Globo, ao lado de autoridades do governo Sarney, no dia 12 de março deste ano. Estava sendo anunciada, naquele momento, a criação da Reserva Extrativista Chico Mendes, uma área de 970.570 hectares, atingindo grandes propriedades rurais em cinco municípios do Acre — Xapuri, Brasília, Sena Madureira e Assis Brasil. O decreto da criação da Reserva foi apenas o primeiro passo da luta de Osmarino. Faltam a demarcação da área e as desapropriações. Por isso, há cheiro de pólvora na floresta.

É provável que este líder dos seringueiros, um dos principais símbolos de defesa da natureza no Brasil, seja mais conhecido e respeitado no exterior. Nisso, também, ele repete a odisséia de Chico Mendes, que foi beatificado primeiro lá fora. Este ano Osmarino esteve nos Estados Unidos, na França, Inglaterra e Dinamarca, fazendo palestras a convite dos mais importantes movimentos ecológicos mundiais. Ele tem, guardadas em caixotes, 10 mil cartas recebidas de vários países, apoiando a sua luta e, principalmente, implorando garantias para sua vida.

Um tiro em Osmarino, além de ferir de novo a alma nacional, terá uma repercussão internacional semelhante à do assassinato de Chico Mendes. Será inexoravelmente fatal também para o trabalho de Lutzeberg e o discurso ecológico do presidente Collor. Que, aliás, é só discurso, por enquanto. "Nada de concreto do que o Lutzeberg diz lá fora se faz na Amazônia", ataca Osmarino de seu esconderijo, no Acre. "Os desmatamentos continuam e o Ibama está pior do que no governo Sarney. Antes, tinha cinco helicópteros para sobrevoar a floresta. Agora, não tem combustível para fazer uma inspeção rotineira."

Esta é, mais do que nunca, segundo Osmarino, a hora da inspeção rotineira. Não adianta inspecionar quando a mata está em chamas ou após o ronco das moto-serras. O inverno, como lá se chama a estação mais forte de chuvas, está acabando no momento, na Amazônia. A vegetação rasteira começa a ser brocada. Para os seringueiros, a broca é o primeiro sinal de que em seguida haverá derrubada de árvores. Os seringueiros reagem da única maneira que podem: organizam os empates, como são chamadas as barreiras humanas diante das moto-serras, para evitar o corte das árvores. Ou seja, criam-se tensão e confronto.

Para se ter melhor dimensão de como Lutzeberg deixou a retaguarda vulnerável, junte-se a perseguição a Osmarino e a ameaça de conflitos por uma causa que o Primeiro Mundo deve achar primitiva — a derrubada de árvores — ao julgamento previsto para junho dos assassinos de Chico Mendes, em Xapuri. Há notícias de que pistoleiros estão circulando ostensivamente na cidade, para intimidar os jurados. Segundo dirigentes do Conselho Nacional dos Seringueiros, a situação está mais tensa agora do que antes da morte de Chico Mendes.

Ou seja, é um enredo que exige ação imediata do presidente da República, pois não adianta apenas que Lutzeberg volte do exterior e passe a tratar de ecologia aqui dentro. Este deveria ser considerado um verdadeiro assunto de segurança nacional, dentro da concepção nova que o termo merece. O delegado Romeu Tuma, por exemplo, poderia entrar nessa parada agora, antes que seja tarde para a vida de Osmarino e para o próprio governo. Não é preciso colocar polícia em torno de Osmarino. Quando Chico Mendes foi assassinado, dois policiais estavam com ele. A segurança de Osmarino é feita por seus próprios companheiros, seringueiros como ele.

O que se espera é que a polícia aja antecipadamente, intimando os acusados e os suspeitos. Os nomes deles e endereços são conhecidos de qualquer entidade envolvida com a questão na Amazônia. Se o governo não tomar iniciativa, além das cruces de Chico Mendes e Osmarino muitas outras ainda serão fucadas na floresta. Com nomes como Gumercindo Clovis Garcia, Francisco de Assis Monteiro de Oliveira, José da Silva Pereira, José Alves Mendes Neto (irmão de Chico Mendes), Jorge Gomes Pinheiro, Antônio Luís Batista, Francisco Barbosa de Melo e duas dezenas de outros líderes rurais da Amazônia que estão também sob a mira de pistoleiros.

### Os japoneses vêm aí

O presidente Fernando Collor confidenciou no fim de semana a um amigo que a indústria japonesa Nissan chegará ao Brasil em junho ou julho para competir no mercado automobilístico. Deu a informação sem disfarçar o entusiasmo. Para ele, algumas montadoras estão boicotando a normalização da produção e venda de automóveis. Collor não esconde em conversas reservadas que considera "muito abusado" o presidente da Anfavea, Jacy Mendonça. "Gostaria de agir com mais rigor nesse setor, mas, como defende a liberdade de mercado, não quer que sua ação seja caracterizada como policial. Por isso, está entusiasmado com a vinda da Nissan.